

MÁRIO COELHO: O IMORTAL

MÚCIO DE BARROS WANDERLEY^{1,2,3}

¹Academia Brasileira de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

²Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

³Instituto Agronômico de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

Autor para correspondência: mucio.wanderley@ipa.br.

“A imortalidade não se faz no bronze, que é, no máximo, um registro; a imortalidade decorre de ações humanas que transcendem ao tempo e que se perpetuam quando se multiplicam” (Sílvio Amorim)

O pensamento de Sílvio Amorim parece feito sob medida para Mário Coelho de Andrade Lima, ou simplesmente Dr. Mário Coelho, como era tratado comumente. Ele se formou em agronomia pela Escola Superior de Agricultura (ESA) do Mosteiro de São Bento de Olinda, berço da atual Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em 1936, aos 20 anos de idade, e faleceu em 1976, antes de completar 50 anos de existência. Foram, portanto, 30 anos de atividades que deixaram ações que transcenderam o tempo, se perpetuaram e se multiplicaram como mostra esta crônica. Sua vida profissional foi toda dedicada à pesquisa e ao ensino agronômico. Ocupou diversos cargos na Secretaria de Agricultura e na Universidade Rural de Pernambuco, hoje UFRPE, onde foi professor catedrático de Física e Meteorologia e desempenhou funções administrativas importantes. Foi também assessor técnico da *United States Agency for International Development* (USAID) por cujo desempenho recebeu o *Certification of Commendation by Department of State*, USA, em 1966.

Neste registro histórico, ora apresentado, serão destacados dois aspectos da vida profissional do Dr. Mário Coelho: o formador de gerações e o gestor público. De caráter inatacável, severo no trato da coisa pública, exigente com suas equipes de trabalho, era gentil no convívio, cumprimentando a todos, sempre, com um aperto de mão. Possuía sensibilidade rara para lidar com os problemas das pessoas. Essas características emolduraram o líder Mário

Coelho. Gostava, sobretudo, de trabalhar com recém-formados os quais, geralmente jovens, sem vivência profissional, possivelmente estranhassem a rigidez que lhes esperava e que se iniciava com a pontualidade ao trabalho e se completava com a exigência da dedicação e a execução das tarefas que lhes eram atribuídas. Por isso, não foram raros os casos de defecções, muitas vezes induzidas pelo próprio Dr. Mário Coelho, quando não encontrava naquele jovem o compromisso e a vocação suficientes para as atividades de ensino ou de pesquisa, conforme o caso. Quando isto ocorria, era comum chamar a pessoa e informá-la sobre sua situação, sugerindo-lhe um tempo para que buscasse outras opções que, na época, eram muitas no mercado de trabalho. As que ficavam, com o passar do tempo, se tornavam admiradoras do jeito de ser e de agir do mestre e reconheciam a importância de ter encontrado, no início de suas vidas profissionais, um Dr. Mário Coelho no seu caminho. Assim era a “Escola de Mário Coelho”, que formou gerações entre as décadas de 1950 e 1970. Não são raros os pesquisadores do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) e professores da UFRPE que foram da “Escola de Mário Coelho” que dão depoimentos dessa natureza, como está registrado no livro “IPA uma História de 75 anos de Ciência Agrônoma em Pernambuco”, de autoria do engenheiro agrônomo Antônio Carlos de Souza Reis que, como o autor desta crônica, foram “alunos” da referida “Escola”, da qual fez parte também o engenheiro agrônomo Mário de Andrade Lira, seu filho, que talvez, para o mestre, tenha sido o mais importante de todos. Como tal, foi pesquisador do IPA e professor da UFRPE e é membro da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma (APCA) e da Academia Brasileira de Ciência Agrônoma (ABCA).

Entre os maiores legados da atuação profissional do Dr. Mário Coelho, possivelmente, o soerguimento do IPA mereça referência especial. Final dos anos de 1950 e início dos de 1960, essa instituição encontrava-se moribunda. Pouco ou nada mais restava daquela que fora criada em sete de setembro de 1935, que nasceu muito estruturada com laboratórios bem equipados e equipe de pesquisadores da mais alta qualificação, a começar pelo seu diretor, Álvaro Barcellos Fagundes, engenheiro agrônomo, PhD, trazido do Rio de Janeiro pelo então governador Carlos de Lima Cavalcanti. Barcellos Fagundes organizou uma equipe de cerca de 20 pesquisadores, entre os quais sete americanos e ingleses, cinco com diploma de PhD e dois de MS, além dos

pesquisadores brasileiros, recrutados sob rigorosos critérios, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde se encontrava a elite científica do país. Comporta assinalar que o IPA foi a segunda entidade de pesquisa agropecuária fundada no Brasil, antecedida apenas pelo o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), nascido em 27 de junho de 1887. Ao deixar o IPA, dois anos após sua fundação, Barcellos Fagundes desempenhou importantes cargos e funções no serviço público federal, no Rio de Janeiro, culminando sua vida profissional como diretor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em Roma, cidade sede dessa instituição da Organização das Nações Unidas (ONU).

Instalado inicialmente na Avenida 17 de Agosto, no Bairro de Casa Forte, no Recife, desde 1938 até o final da década de 1950, o IPA funcionou junto a então Escola Superior de Agricultura (ESA) da Universidade Rural de Pernambuco (URP), esta ainda uma entidade do governo de Pernambuco, no bairro de Dois Irmãos, também no Recife. A federalização da URP, no final dos anos de 1950, não levou consigo o IPA, que continuou funcionando no mesmo local, fruto do Acordo IPA-URP, que dava suporte legal ao uso das instalações, a essa altura um imóvel federal. Defasado em seu quadro de pesquisadores e desatualizado em seu parque de laboratórios, ao final dos anos de 1950 o IPA agonizava.

Em 1959, Cid Sampaio toma posse como governador de Pernambuco e, entre seus primeiros atos, está à formação de uma comissão para proceder à reestruturação da então Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio (Saic), à qual se subordinava o IPA. Entre os membros da comissão estavam Mário Coelho e Humberto Carneiro, ambos dos quadros funcionais da Saic e da então URP. Na esteira da reforma da Saic estava à reestruturação IPA, que veio a se efetivar por meio da Lei nº 3644/1960 transformando o instituto em autarquia e transferindo o que restava de seu acervo na URP para a nova sede no Bongi. Mário Coelho e Humberto Carneiro são designados diretor-geral e diretor de pesquisa, respectivamente, da recém-criada autarquia, aos quais coube a missão de reorganizar, ou melhor, recriar o IPA. Essa missão foi cumprida com muito trabalho, abnegação em tempo recorde e, sobretudo, com grande sucesso. Dessa forma surgiu o novo IPA, com novas instalações, novos laboratórios, uma rede de estações experimentais distribuídas por todo o estado e uma equipe de pesquisadores recrutada entre os melhores quadros

da Saic a qual se incorporou o sangue novo dos pesquisadores recém-contratados.

Ao realizar a contratação de novos pesquisadores no final do ano de 1960, Mário Coelho a fez por meio de seleção realizada junto aos formandos de agronomia e veterinária da URP e de agronomia da Escola Superior de Agricultura de Areia, atualmente um *campus* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Zeloso, Dr. Mário Coelho se valeu de consultas a professores dessas faculdades sobre o desempenho acadêmico dos alunos, alguns dos quais ele e sua equipe do IPA já podiam avaliar, pois foram seus alunos e eram estagiários da instituição.

As contratações se efetuaram no início de 1961, quando se instalaram, no Sudeste, os primeiros cursos de mestrados em universidades brasileiras. Exercitando a sua vocação de formador de gerações, Dr. Mário Coelho já encaminhava, no ano de 1961, cinco pesquisadores para mestrado em Viçosa e nos Estados Unidos. Esse esforço iniciado por ele se perpetuou no IPA, que hoje tem mais de 90% de seu quadro de pesquisadores com mestrado e doutorado, entre os quais o autor desta crônica, que foi encaminhado para mestrado na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), em 1970, por Dr. Mário Coelho, então diretor de Experimentação do IPA.

A melhoria constante da infraestrutura de pesquisa iniciada sob a batuta do Dr. Mário Coelho, quando da transferência do IPA do *campus* de Dois Irmãos da UFRPE para o Bongi, se multiplicou na instituição, que hoje conta com uma rede de laboratórios altamente qualificados no Recife, como o de genômica e de pesquisa e produção de biocontroladores de pragas, aos das estações experimentais, onde se destacam o de transferência de embriões, de coleta, processamento e distribuição de sêmen de bovinos, caprinos e ovinos e os de beneficiamento e classificação de sementes, entre outros. Essa infraestrutura de pesquisa, aliada a uma equipe de 94 (noventa e quatro) pesquisadores, possibilita a execução de um programa com 72 (setenta e dois) projetos de pesquisa.

Esse legado de Mário Coelho ensejou ao IPA dar contribuições efetivas ao desenvolvimento da agropecuária pernambucana, como o suporte tecnológico e fornecimento de animais de alta linhagem que originaram e mantém as bacias leiteiras de Pernambuco e de Alagoas, que estão entre

as maiores do Brasil; o lançamento de mais de 50 (cinquenta) cultivares de diversas espécies, entre as quais de feijão, frutas tropicais, cebola, sorgo, mandioca e palma forrageira; a criação da raça bovina girolando, mais apta às condições tropicais; a criação de tecnologia para produção de sementes de cebola em regiões tropicais; o controle biológico de pragas, entre elas da cana-de-açúcar e da bananeira. O exemplo de Mário Coelho na recuperação do IPA nos idos de 1960 se perpetuou na instituição, que, com sabedoria, se sobrepôs às ameaças de extinção, que decorrem do humor dos governantes, e que se repetiram ao longo dos anos. A todas elas o IPA soube resistir e sair mais forte; por isso se tornou “uma instituição que se recusa a morrer”, como assinalou Antônio Carlos de Souza Reis no livro de sua autoria, aqui citado.

Embora esta crônica não tenha a pretensão de esgotar tudo aquilo o que foi a vida de Mário Coelho de Andrade Lima, o autor acredita que relatou o suficiente para solidificar o reconhecimento de que ele é, verdadeiramente, um imortal.